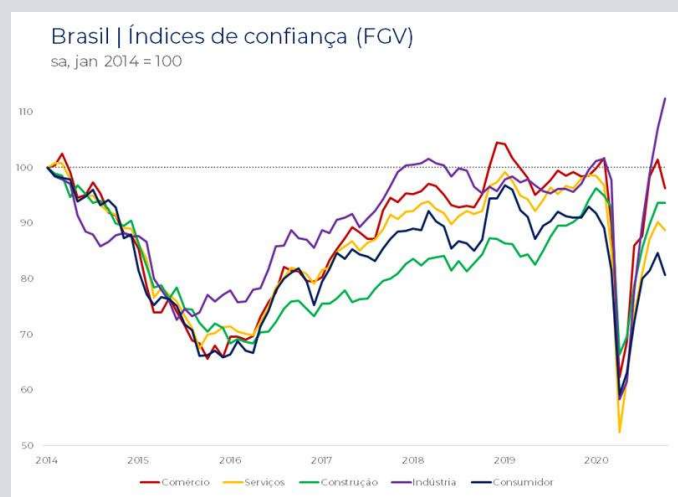


Blue Notes | Fechamento da Semana | 16 de outubro 2020

Risco fiscal volta ao debate. A suspensão das polêmicas fiscais imposta pelo presidente Bolsonaro foi mantida em grande parte dessa semana. Porém, nos últimos dias o debate fiscal voltou a afetar os mercados, com autoridades e a imprensa discutindo a inevitabilidade de modificações no teto de gastos. Independentemente de esse assunto voltar ao debate central agora ou depois das eleições, ao que parece, o governo ainda não conseguiu alinhar uma estratégia fiscal sustentável para encarar a pesada agenda de vencimentos da dívida pública em 2021. Do lado cíclico, depois de um 3º trimestre forte, indicadores preliminares de outubro reforçam nossa preocupação com o desempenho da atividade neste fim de ano, dada a redução de renda disponível derivada da queda do auxílio emergencial e do aumento da inflação. No mercado externo, o temor de enfraquecimento da atividade por conta de novos casos de Covid ganhou força, com medidas restritivas sendo implementadas em centros importantes da Europa. Já nos EUA, dados de consumo dão suporte ao otimismo.

Consumo perdendo força no fim do ano? A rodada de indicadores mensais de atividade de agosto foi concluída nessa semana com o IBC-Br subindo 1.1% (dessazonalizado), depois de o IBGE já ter divulgado números ainda mais fortes para indústria, comércio e serviços. Estímulos fiscais, expansão do crédito e continuidade da reabertura econômica devem manter setembro em boa posição, indicando um PIB no terceiro trimestre com ganhos próximos a 10%. A precariedade dessa recuperação, no entanto, começou a aparecer nas sondagens preliminares de outubro da FGV. Essas pesquisas mostraram um setor manufatureiro ainda extremamente otimista e a construção civil mantendo a confiança em níveis parecidos com o pré-crise. Porém, o grande destaque foi uma piora no sentimento do setor varejista e na confiança do consumidor, provavelmente refletindo a queda no valor do auxílio emergencial e aumento no preço da cesta básica.



Segunda onda “diferente” da Covid atinge a Europa. Após adotar “lockdown” nos meses de março e abril e controlar a curva de contaminação da Covid-19 por alguns meses, número de infecções em alguns países já ultrapassa o pico atingido em abril. Em parte, essa situação pode ser atribuída ao aumento do número de testes, mas o fato é que o espalhamento do vírus tem tido uma aceleração considerável. Uma diferença crucial em relação a primeira onda é de que o número de hospitalizações e mortes têm crescido de maneira muito mais lenta e encontram-se bem abaixo do pico anterior. As autoridades têm optado por medidas mais localizadas e brandas, entretanto, nas últimas semanas houve um aumento das restrições. Enquanto o impacto sobre a atividade será muito menor do que o observado na primeira metade do ano, queda já observada nos indicadores de mobilidade e a possibilidade de novas restrições adicionam riscos para os próximos dados de atividade.

Nos EUA, dados de consumo continuam robustos. Vendas no varejo avançaram 1.9% em setembro, acima do esperado pelo consenso. Com o resultado, o nível encontra-se 4.2% acima do verificado em fevereiro antes da Covid. Confiança do consumidor também registrou novo aumento em outubro. Os dados oferecem conforto de que a ausência de novos estímulos fiscais não está levando a uma diminuição preocupante no ritmo de gastos nem na confiança dos consumidores.